

ADRIANA PASQUALINA BRIGIDO

A festa de São Vito Mártir e sua influência no Bairro do Brás

CELACC – ECA/USP
2010

ADRIANA PASQUALINA BRIGIDO

A festa de São Vito Mártir e sua influência no Bairro Brás

Trabalho de conclusão do curso de
Especialização em Gestão de Processos
Culturais e Organização de Eventos, produzido
sob orientação do Prof. Moisés dos Santos

CELACC – ECA/USP
2010

Dedicatória

A minha família, imigrantes que embarcaram nesta jornada com os quais compartilho vivências e experiências; com eles aprendi a olhar para o outro e perceber as diferenças como fonte de enriquecimento cultural, de aprendizado, em um convívio agregador e construtivo.

Eles me tornaram cidadã do mundo e me deram inspiração para este trabalho.

Agradecimentos

À Biblioteca da Universidade de São Paulo , pelo apoio.

Aos professores e funcionários do Celacc.

Ao Orientador, Professor Moises dos Santos

A todos os colegas de curso pelo tempo que passamos juntos tanto dividindo conhecimento, anseios e alegrias quanto somando experiências que me motivaram a ver novas possibilidades e mudar o modo de viver, cada um de uma forma diferente.

Em especial a Elisangela Hernandez, sempre disponível para colaborar, Carlos Freitas que me levou para participar de sua peça de teatro, Ana Sbrissa, Annaluisa Mastriani, sempre aconselhando e ajudando em pequenas tarefas em um gesto de amizade .

Resumo

Este artigo propõe uma análise sobre a festa popular de São Vito Mártir, realizada anualmente na comunidade italiana do bairro do Brás, em São Paulo, sob a ótica dos estudos culturais. Esta análise baseou-se, entre outras fontes, nas informações obtidas com os próprios moradores da região e na observação feita durante a própria festa.

Foi possível verificar a maneira como o bairro se caracterizou com o passar do tempo e de que modo a identidade das pessoas influencia o evento e como elas se moldam adequando-se à celebração.

Palavras-chave: São Vito, festa italiana, identidade cultural

Abstract

This article suggests an analysis over the popular São Vito Martir party, performed annually by the Italian community in the neighborhood of Bras, in São Paulo, under the cultural studies point of view. This analysis was based on, among other sources, the information got with the neighborhood livers and watching the party itself.

It was possible to verify the way the neighborhood has changed as the time went by and how the people identity have influenced the event and how they were set, adapting themselves to the celebration.

Keywords: São Vito, Italian party and cultural identity

Sumário

Dedicatória.....	2
Agradecimentos	3
Resumos	4
1. Introdução.....	6
2.Divisão da festa	9
3.A história de São Vito Mártir	12
4.O que é a festa e qual o seu sentido e relação com identidade	14
4.1 O que é identidade	15
5.O trabalho social.....	16
6.Como muda a festa	17
6.1 O que a festa representa.....	18
7.Conclusão	21
7.1.Imagens da festa	22
8.Referências Bibliográficas.....	24

1. Introdução

No final do século XIX, o Brasil era um país que necessitava de mão de obra e o governo passou então a subsidiar os imigrantes em massa, favorecendo a chegada deles em nosso território. Eles se hospedavam gratuitamente por até 8 dias na Hospedaria dos Imigrantes no Brás, e eram destinados à lavoura. A partir de 1890 começam a surgir os imigrantes espontâneos em busca de melhores condições e os profissionais liberais, como os sapateiros, serralheiros, etc.

Devido à situação na Europa e seu estado econômico instável, havia muita mão de obra e conseqüentemente desempregados; em decorrência ao aumento da população, a economia era baseada em grandes latifúndios com tinham pouco rendimento.

A região onde ficavam abrangia as ruas Santa Rosa, Américo Brasiliense, Monsenhor de Andrade e do Gasômetro. Tal região fica próxima ao centro da cidade, perto de núcleos de fábricas, da ferrovia e do mercado. Considerado local insalubre devido às enchentes, transformou-se em um bairro popular. Era o processo de formação urbana da cidade.

Formaram-se então dois grupos de imigrantes italianos: os que chegavam e preferiam o campo e os que preferiam a cidade.

O imigrante italiano era regionalista e por isso, determinados comportamentos permaneciam intactos ao tempo e à distância. Mantinham-se unidos e fechados com o desejo de retornar à terra de origem tão breve conseguissem alguma condição econômica.

Os polignaneses, italianos, chegaram em 1882 oriundos do Sul da cidade de Bari; muitos deles eram pescadores camponeses e os mais jovens foram vender jornais, garrafas, ferro velho já que estas atividades não exigiam aptidão e eles tinham pouco conhecimento da língua; outros foram vender produtos que lhes eram familiares como peixes e frutas, e ainda um grupo em que poucos se dirigiam às fábricas. Com o passar do tempo surgiram outras profissões: as garrafas vazias eram reutilizadas fazendo surgir o garrafeira ou bicheiro.

As profissões ligadas ao comércio alimentar como os peixeiros, por exemplo, exerciam maior interesse sobre estes imigrantes pelo conhecimento que tinham da mercadoria.

Destacamos os cerealistas: para que pudessem exercer esta profissão era necessário ter um bom conhecimento da língua e ainda um determinado capital. Desta forma, a função lhes dava certo prestígio social e econômico dentro da comunidade. Contudo, eles precisavam de pessoas de confiança que trabalhassem com eles e assim atraíam sempre mais polignaneses para o comércio.

Sobre o tema, Beni (1983, p. 64) cita que a mudança do status econômico passou a modificar o grupo, pois estes passaram a desejar melhores escolas para seus filhos, enquanto que o grupo de jornaleiros preferia uma capela.

Um dos imigrantes (Modesto de Lucca) trouxe consigo a imagem do padroeiro da cidade, em 15 de Junho de 1835, e fazia comemorações em sua residência com familiares e vizinhos mantendo o culto original.

As primeiras informações sobre as manifestações públicas da festa de São Vito Mártir surgiram em 1903 com outra imagem trazida por outro imigrante e os membros de comunidade em comum acordo resolveram mantê-la semelhante a que ocorria na cidade de Polignano a Mare na Itália.

No período da guerra não houve festa, sendo mantida somente a procissão.

O imigrante procurava crescer economicamente, desta forma ele era levado a levar uma vida fora da comunidade e sua vida mudava cada vez mais de acordo com seu cotidiano.

Voluntários visitavam os seus amigos contemporâneos e recolhiam prendas para levantar fundos para as comemorações. Conforme Beni (1983, p.69):

As mulheres dedicavam-se a cozinha e aos preparos dos pratos típicos e se reencontram para conversar em dialeto.

A festa finalizava com fogos.

Já em 1912, diminuía o interesse em fazer doações para a festa e voluntários para arrecadarem fundos.

Desta forma, os que compunham o grupo de jornaleiros, considerados os mais pobres entre os oriundos, decidiram dedicar-se a festa e guardar verbas para que ela continuasse. A festa foi divulgada pelo jornal da comunidade Fanfulla em 17 de junho de 1912. Este jornal circula até hoje e seus exemplares em língua italiana podem ser encontrados dentro de alguns órgãos tipicamente italianos, como por exemplo, o Consulado Italiano, a Câmara de Comercio Ítalo Brasileira em São Paulo - Brasil, sendo subsidiados pelo governo italiano os custos para a impressão e distribuição gratuita.

No fim de cada festa a imagem do Santo era devolvida ao dono por não ter um local próprio.

O sucesso da festa iniciada em 1903 e o fim da Guerra em 1915, fez com que Miguel Gravina, o presidente da associação, retomasse as atividades festivas em 1919 e ela tomou assim maiores proporções e conseqüentemente, os cerealistas que visavam mais prestígio e visibilidade social, reivindicavam a sua participação.

2. Divisão da festa

O que culminou na definitiva divisão da festa, foi o fato do proprietário da imagem, um cerealista que voltou para a Itália, ter deixado sua imagem usada de 1895 até 1918 como doação para a igreja do Brás, ainda com autorização para que fosse entregue à comunidade durante os festejos.

O lado mais humilde da comunidade, composto por jornalheiros e garrafeiros, não aceitava porque temia que a festa pudesse depender unicamente do conselho paroquial e este vínculo não era bem visto.

Desta forma surgiu a polêmica que culminou na separação da festa já que não chegavam a nenhum acordo.

“Depois de um longo período de debates chegam a um entendimento conciliatório entre as duas sociedades”: Associazione Beneficiente San Vito Martire Della Colônia di Polignano a Mare - associação criada pelo lado considerado como “rico”, com intuito de promover a festa em honra ao Santo porém, o lado considerado pobre ainda queria promover celebrações .

Desta forma, eles redigiram o estatuto que visava proteger os associados pobres fornecendo assistência médica e jurídica dentro dos limites do possível; tal texto foi redigido em 21 de outubro de 1919. O lado dos pobres mandou publicar no diário oficial, antes que os ricos o fizessem. Contudo, o diário oficial publicou dois estatutos e um foi entregue às sete da manhã, enquanto que o dos ricos só poderia ser distribuído às onze da manhã, conforme orientações.

O lado dos pobres, os jornalheiros, antes de receberem a cópia correram ao tabelião para registrar a associação deles.

Desta forma, em 1920, houve pela primeira vez duas festas separadas, uma para ricos e outra para os pobres. A festa dos ricos era mais elaborada e havia brigas entre os ricos e os

pobres pela disputa dos grupos. A cúria Metropolitana reconheceria e concederia a autorização para o grupo que fosse capaz de levantar a igreja.

O lado considerado rico e que buscava prestígio social, vivia uma rotina que ultrapassava o cotidiano dentro comunidade italiana, causando certo desinteresse em relação ao assunto, fato que permitiu aos pobres o direito de decisão sobre a festa.

Em 27 de maio de 1944 foi lavrado registro de imóveis na 3ª circunscrição da comarca da capital de São Paulo a fim de impedir grupos estrangeiros deterem o bem do imóvel que havia sido doado para realização da festa.

Carregar o andor durante a festa era uma participação leiloada para quem pagasse mais e seguia-se a festa nos moldes de uma quermesse.

Em 1964, morre Miguel Gravina, presidente da A.B.S.V.M. e conseqüentemente a comunidade se desinteressa pelos festejos que só são retomados em 1979 quando Modesto Mastrososa, membro da comunidade e empreendedor, presidente da ABAV (Associação Brasileira de Agentes de Viagens) solicita a inclusão da festa no programa da Paulistur e junto com a EMBRATUR inclui a festa no calendário nacional e estadual; ele ainda solicitou à prefeitura a mudança do nome da Rua Álvares de Azevedo para Polignano a Mare em homenagem a colônia. Desta forma expandiu-se a celebração para os meios de comunicação de massa.

Em 1980, Beni relata (1983, p. 89) que um conjunto de barracas foi transferido para Rua Polignano a Mare e Fernandes Silva junto com um palco de shows. Assumiu-se assim um novo aspecto. Não faltavam as comidas típicas: ficazzella, ficazza, calzone, ricchietelle, macarrão, peixes e frutos do mar e os doces típicos. Ao Modesto se deve o mérito de tornar a festa popular e ainda foi ele quem estabeleceu campanha publicitária nos jornais e televisão.

Atualmente, o Presidente da festa se chama Modesto Gravina Netto, que é também um oriundo.

Andando pelo bairro, conversei com o Sr Santiago Ruffino, 77 anos, filho de espanhóis, morador e colaborador da creche e freqüentador assíduo das festas, ele disse que “é sempre uma alegria, o bairro fica em festa no período festivo, no mês de junho, e reencontra todas as mamãs e amigos junto a sua patroa.”

Até hoje nota-se que ainda há resquícios desta antiga polêmica entre ricos e pobres; conversando com o Senhor Luca, 77 anos, polignanese, ele explicou que a festa de rua agora está dentro, do lado coberto e um galpão foi construído para abrigar a festa e o que acontece do lado de fora é recente e está ligado à igreja e não à entidade São vito Mártir – Polignano a Mare.

No Bairro, enquanto aguardava o ônibus, conversei com um antigo morador do bairro, trabalhador local, e questionei o que ele sabia sobre a divisão da festa: “Tem uma briga, parece que é política” ele disse, mas não sabia ao certo já que na rua também é possível reservar cadeiras em local coberto e não se pagar a entrada.

A coordenadora da festa explicou que não sabia sobre os organizadores desta festa que acontece na rua, não existe contato e pertence à igreja.

3. A história de São Vito Mártir

Ao ler a obra de Sonia Maria Beni que relata a vida de São Vito, descobrimos que ele nasceu na Sicília e foi martirizado por volta do ano 300; sabe-se que aos 7 anos já era cristão convicto. Ao descobrir, seu pai tentou dissuadí-lo de sua fé para que o fato não se tornasse público. Mas o que o pai temia aconteceu e o menino foi levado perante um tribunal: após ter sido açoitado, foi posto em liberdade, mas para não ter que desistir de sua fé fugiu da Sicília junto com seu professor Modesto e sua ama-seca Crescência. Os três cristãos alcançaram as costas de Nápoles e chegaram a Roma onde puderam testemunhar sua fé com palavras e obras. Novamente presos e condenados às feras, foram salvos por forte tempestade que desabou sobre os espectadores, possibilitando nova fuga para Lucânia. Com coragem e determinação, continuaram a defender a fé cristã até serem novamente encarcerados. Sofreram o martírio sob o imperador romano Diocleciano, justamente aquele a quem Vito havia milagrosamente curado da epilepsia. São Vito é hoje invocado para curar a doença nervosa chamada coréia ou “dança da São Vito apesar do verniz lendário”. São Vito continua sendo para muitos um grande inspirador de vivência e virtudes cristãs.

Oração e Imagem de São Vito



Ó glorioso São Vito! Vós suportastes, com calma e serenidade, as ameaças e insultos do vosso próprio pai e as perseguições dos pagãos. Até nas torturas do martírio conservastes uma tranqüilidade imperturbável.

Olhai para mim, pobre servo e devoto vosso. Vede a que estado nervoso me reduziram o cansaço, o esgotamento, a ansiedade e a depressão.

A insônia me priva do descanso da noite. Qualquer contrariedade me irrita e me enerva. Palavras ríspidas e descaridasas me escapam da boca, contra a minha vontade. Por vezes os meus pensamentos se descontrolam e me torno incapaz de coordenar as minhas idéias. Até as minhas mãos se tornam trêmulas.

O desânimo, o amargor invadem todo o meu ser. A minha força de vontade enfraquecida não me ajuda mais. Toda esta situação me deixa prostrado, desanimado, aflito e incapaz de reagir diante das dificuldades e dos problemas que surgem na minha família, no meu trabalho e no convívio com as pessoas.

Querido São Vito! A vós recorro porque em vós eu vejo uma esperança para a minha saúde, uma luz para a minha vida. Sinto que a vossa proteção me reanima na minha fraqueza. De vós espero alívio na minha aflição, calma nos momentos de irritação, equilíbrio na perturbação, força de vontade para superar tudo o que é negativo. A vossa bênção me dará um pensamento positivo, paz, segurança, tranqüilidade.

Ó glorioso São Vito! Que vossa proteção faça reviver a minha esperança num Poder Superior. Que a vossa intercessão aumente a minha fé em Deus, Pai de amor; que fortaleça a minha confiança em Deus Filho e Salvador; que reanime a minha segurança em Deus, Espírito Santo Consolador.

São Vito, eu vos peço fortaleza no desânimo, luz na dúvida, clareza na confusão e calma nas contrariedades.

São Vito, São Vito! Socorrei um coração aflito!

Amém.

4. O que é a festa e qual o seu sentido para o bairro e sua identidade.

Todos os moradores do bairro conhecem a festa e indicam como chegar ao local facilmente. Os enfeites e arranjos são indicativos da preparação do Brás para a recepção de um grande número de pessoas, que ajudam a creche e divulgam a manifestação. A festa é a expressão da identidade de um grupo na sociedade, que comemora acontecimentos e revive tradições. O indivíduo é capturado de seu cotidiano no momento da festa sob aparente alienação; ele mantém viva suas origens resistindo ao tempo e incorporando novos elementos e desta forma a festa transcende os sentidos.

A alegria não está no evento, mas na idéia representada nos símbolos. Há muitas memórias coletivas mas o que se distingue é o olhar que mobiliza grande contingente de pessoas e recursos com finalidades assistenciais, no sentido de cumprirem um papel de apoio a seus membros ou de outros grupos, que terminam gerando uma consciência política que dá origem a associações, como as de bairro ou de leigos na igreja, por exemplo. É o caso da associação de São Vito.

“A identidade é um fenômeno relacional em termos de estrutura social, ela se configura e ganha sentidos na relação entre nós e o outro, o grupo se vê pelos olhos dos outros” (Borges Pereira, 2005 :104)

O distanciamento cultural da origem proporcionou uma formação cultural híbrida. Identidade e memória se cruzam e se baseiam no passado com valores e a realidade no presente. O ato de recordar permite uma reflexão permanente do ser na história.

Questões novas para memória coletiva. O desejo de privilegiar o passado para uma segurança no futuro. A globalização tende a diminuir as identidades nacionais. A construção de uma memória comum, reatar laços de origem para captar um novo laço simbólico para os descendentes, assimilando a imagem de uma sociedade maleável facilitaria o entrosamento do imigrante.

A cultura italiana consegue se manter sem muitas atualizações nas pequenas comunidades mas quando nas grandes metrópoles, tende a ser influenciada pelas diversas culturas que a permeiam e acaba se atualizando, ou ainda, adequando às novas características.

4.1 O que é identidade

“Os Itálicos são construtores sociais da Italicidade” (Bechelloni, 2005)

Independente da nação em que o indivíduo se localiza, ele compartilha os mesmos valores e cria vínculos a partir deles. A identidade é um conjunto de valores e interesses que permite a abertura ao outro, não somente a mesma língua e a cidadania mas um difundido sentimento de pertencer ao grupo; é algo imaginário, que se desenvolve ao longo do tempo construindo conceitos individuais.

Estereótipos negativos impedem a troca de informações e o perceber de semelhanças no outro e suas diferenças.

A globalização amortiza o sentimento nacionalista, diminui distâncias e torna mais forte a identidade local; mesmo com as contínuas mudanças, assim como a tecnologia muda nosso cotidiano, a cultura é viva, se adapta, interage, torna-se um terceiro elemento, híbrido.

O conhecimento viaja através dos meios midiáticos (internet, rádio, cinema) e a comunicação permite o encontro e a troca de dados. Desta forma surgem identidades culturais.

5. O trabalho social

A renda obtida através das festas de São Vito no salão coberto é empregada na manutenção da Paróquia São Vito e em importantes obras sociais. Dentre elas, a Inclusão Digital, onde são oferecidos cursos gratuitos de informática para pessoas de baixa renda; atendimentos odontológicos gratuitos à comunidade carente da região do Brás, entre outros.

Como importante ação de inclusão social, parte da renda também será empregada no programa São Vito em Casa que, há anos, conta com a colaboração de diversos voluntários que visitam cortiços instalados em toda a região do Brás, distribuindo cestas básicas, entre outros itens de primeira necessidade. Mensalmente, o programa atende a mais de 400 famílias carentes. A creche também é mantida através de almoços semanais, com comidas típicas, e bingos. Os eventos acontecem no mesmo galpão aonde se dá a festa.

6. Como muda a festa

“O espaço é o ponto de convergência entre o passado e o presente, neste caso o bairro é também o lugar da manifestação do individual e da experiência socializante, produto de uma multiplicidade de trocas de todos os tipos que produz a sociabilidade, encontros e reencontros, da festa, da apropriação do público e do privado”.

Conforme Hall (1997, p.55): as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações.

Durante a visita ao galpão de festa, conversei com algumas pessoas e escolhi dentre elas, os relatos abaixo:

Fabyola Ballaratti, jovem colaboradora de 28 anos, seu pai é italiano e quis saber dela o que a festa lhe representava, se ela conhece outros jovens que colaboram e se todos são descendentes ou só se identificam com a comunidade italiana

“Este ano foi a minha primeira experiência na participação da Festa de San Vito. Posso dizer que compareci ao evento porque fui fortemente incentivada pelo grupo jovem do COMITES - Comitê dos Italianos no exterior, depois de recebermos um convite especial por parte dos organizadores da festa para ajudarmos as vovós e a todos na confecção dos alimentos, preparação e venda dos mesmos. Aos jovens basta um “empurrãozinho” para que participem. Os jovens que participam são das mais variadas origens, mas todos de alguma forma ligados e simpatizantes à cultura italiana. Tem descendentes diretos mais ligados às origens, alguns são descendentes que buscam conhecer as tradições italianas e outros, também brasileiros de várias etnias que gostam do ambiente e da festa em si e por isso contribuem ao trabalho voluntário com muita alegria e espontaneidade. Cada um tem um motivo para colaborar, seja pelo reencontro de velhos amigos, seja por apoiar a solidariedade, seja para comer as delícias feitas, seja para somente conhecer como é o ambiente”

O que ela acha que representa a festa para os jovens?

“A festa representa um modo de união de forças para um bem comum e maior: a ajuda às crianças que fazem parte da creche sustentada pela associação motiva o apoio às iniciativas do evento. A festa para os mais velhos representa também a fé no São Vito, tem muitas pessoas devotas participando. Para elas, a festa tem razão de ser para que se possa reviver um pedacinho da Itália de nossos antepassados (ou no meu caso, mesmo que meus antepassados italianos sejam de outra região, não importa, é divertido fazer parte de outras culturas, conhecer coisas novas), mesmo tendo muitas variações e diferenças de vidas às adaptações ao território e ao povo brasileiro. É um modo de relembrar a família, a fraternidade, a colaboração entre membros de idades diferentes, os antigos valores de elaboração dos alimentos em maneira manual e caseira, a simpatia das mamãs para conseguir atingir o objetivos das vendas e assim ajudar a própria comunidade em um momento de troca e entusiasmo. Ouvir a música e continuar persistentemente no trabalho até que acabe a festa. É trabalhoso mas vale a pena, pois dá satisfação. É um momento emocionante, retomar a identidade e poder vivê-la em um microcosmo coletivo (comunidade italiana de tradições específicas) dentro de um macrocosmo social (uma cidade grande como São Paulo, onde reina a pressa e o individualismo), onde a cultura e as tradições não podem e não devem ser nunca perdidas.”

Conversando com a Sra Edmeia Moraes, diretora da creche e coordenadora da festa e da creche, ela me explicou que não acredita que a festa continuará pois, cada vez mais os jovens e descendentes deixam de participar, a festa faz muito mais sentido para quem é italiano e nasceu no contexto local, os idosos são o coração da festa e afirma que não sabe se a festa permanecerá por muito tempo quando os mais velhos não puderem mais colaborar.

Outros participantes também concordam já que os descendentes não têm interesse em comparecer ou colaborar, a vida está cada vez mais veloz, todo mundo trabalha e não tem tempo para cozinhar para o evento e mesmo que pudessem, a pressa mudaria a forma de preparar até mesmo os alimentos como o molho, que leva muito tempo no fogo. Ele seria trocado pelas latas práticas e mudaria o sabor típico e até mesmo os colaboradores são substituídos por pessoas do bairro, como o Sr Luiz, que se encontrava no local enquanto conversávamos; a Sr Edmeia explicou que ele é baiano e ajuda na barraca das Guimirellas, (fígado assado) um prato típico, colaborando com a festa juntamente com o Sr Luca, 87 anos, polignanes. Desta forma, as previsões de que a festa continuará são mínimas ou pelo menos não da forma como conhecemos.

6.1 O que a festa representa

A festa promove a inclusão e a identidade do grupo, o sentido de pertencer. A festa como representação da cultura e da identidade italiana e dos oriundos de Polignano a Mare, faz circular os simbolismos; o inconsciente da identidade italiana tradicional da festa e o seu passado, cujos elementos sustentam e dão continuidade ao que a festa significa no presente, e ao imaginário. Afinal o real para nós é aquilo que interpretamos dele.

As danças típicas, as comidas, a imagem do Santo, o folclore da cultura regional são reinventados e encontram o sentido de sua existência, mantendo-se e adaptando-se. Aproximando as pessoas e seus laços de identidade com o local, com a região e com as

gerações passadas atravessando a história, fortalecendo o sentimento de pertencer ao grupo pela manutenção e pelo reforço das tradições.

7. Conclusão

Os imigrantes italianos tiveram um papel importante na identidade nacional. O Brasil é um país multicultural, poliétnico e, a sua formação ainda está em processo. As culturas se misturam e novas identidades surgem - identidades híbridas - frutos do processo da miscigenação e da constante negociação entre as culturas enquanto que outras declinavam. Elas estão trocando, buscando no passado e resistindo no presente ao tempo, a distância de suas origens, principalmente neste nosso período de globalização.

A identidade cultural dá ao indivíduo parâmetros de quem ele é, os bairros colaboram na formação do indivíduo pelos caminhos que ele faz todo dia, locais de socialização e frequência diária vinculam memória ao espaço que caracterizam o indivíduo. Os modos de apropriação determinam o uso e deixam marcas no local de seu cotidiano.

Apesar da falta de perspectivas de que a festa continue ao longo dos anos e ainda a que não há mais italianos no bairro, cada vez mais culturas se introduzem juntamente com a cultura nordestina que se encontra no local. Desde que os italianos se mudaram no bairro, bem como chineses e bolivianos, a comunidade local manterá a festa até mesmo pelo importante trabalho social que ela mantém: a creche de San Vito. A festa não acabará até mesmo pelo fato de que existem duas festas, a da rua e a do salão pago e coberto; não é difícil imaginar qual das duas festas resistirá ao tempo e as diferenças culturais que se introduzirão ao longo do tempo. Acredito que a festa da igreja poderá se manter por mais tempo, muitos fiéis motivados e devotos provavelmente a manterão .

É possível que se torne uma festa híbrida, integrando-se às culturas locais, pois a cultura é viva , ela interage, soma e se adapta, assim como os indivíduos se misturam, se tornam mais abertos às diferenças. Ela terá características dos novos colaboradores na mesma medida em que perde o contato com os originários de sua matriz. Ela mesclará a cultura nordestina e as novas culturas que no bairro se instalarem sem nunca perder o vínculo total

com sua matriz que a representa; provavelmente restarão resquícios como as cores da bandeira nas barracas e alguns pratos típicos e práticos como macarrão, ficazzelle que agradam o público em sua maioria.





8. Referências Bibliográficas

- ALESSANDRINI, Carlos Ana Fani. *Espaço Tempo na metrópole*. São Paulo: Contexto, 2001
- BECELLONI, Barbara. *A Identidade cultural como fator de integração: Comunicação, história, cultura e memória na hibridação dos Itálicos no Brasil*. São Paulo: Dissertação de mestrado, 2006.
- BENI, Sonia Maria Alves. *A reconstituição da memória da festa de São Vito Mártir na Cidade de São Paulo - Do Culto religioso familiar ao programa de animação da cidade*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, 1983.
- CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: Aspectos da Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1981
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2000.

Webgrafia

- Portal *Festa de São Vito*. Disponível em: <http://www.festadesaovito.com.br/2010/sao-vito>. Acesso em: 27 nov. 2010.
- Este Editora*. Disponível em: <http://www.esteditora.com.br/textos/bracat.htm>> . Acesso em 25 nov. 2010